

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS , LETRAS E ARTE  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mumbuca: um olhar videográfico sobre uma comunidade quilombola no  
Baixo Jequitinhonha**

**IZABELLA RODRIGUES ALVES**

Viçosa - MG  
2023

IZABELLA RODRIGUES ALVES

**Mumbuca: um olhar videográfico sobre uma comunidade quilombola no  
Baixo Jequitinhonha**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal de Viçosa - UFV como  
parte dos Requisitos para obtenção do Título de  
Bacharel em Ciências Sociais, sob Orientação do  
Prof. Dr. Marcelo José Oliveira.**

**Viçosa- MG  
2023**

Dedico este trabalho aos meus pais Sabrina e Marcos Vinícius, pelo apoio incondicional e ao meu avô Wander (in memoriam), por todo amor e aconchego durante 20 anos.

## AGRADECIMENTO

Ver meu nome na lista de aprovados em 2019, representava a possibilidade de concretização de um sonho tão pessoal como o desejo de me formar. Mas ao longo desse processo, me dei conta de que um sonho particular havia se tornado coletivo, em razão de todos aqueles que foram meu amparo quando o medo e a incerteza cruzaram essa trajetória, árdua desde o começo. A começar pelos quase 800 quilômetros de distância entre Viçosa e a minha cidade Jequitinhonha, que prolongavam ainda mais a saudade de casa. Somado a isso, a complexidade do processo de amadurecimento, em que a liberdade e a solidão parecem indistintas, e as adversidades da vida acadêmica só foram possíveis de serem superadas graças à presença e apoio da minha família. Encerrar esse ciclo significa que todo o processo valeu a pena, já que os percalços pelo caminho, por mais difíceis que fossem, algo me ensinaram, moldando e construindo a pessoa que me tornei e que tanto me orgulho em ser. À minha mãe, agradeço pelas orações, acolhimento, palavras de conforto e amor incondicional. Ao meu pai(drasto), por ser minha referência de homem, de honestidade e por me mostrar que existem outras formas de dizer eu te amo, para além da verbalização. Aos meus irmãos, Amanda, Marcus e Gabriella, agradeço pelos abraços e conversas, vocês são minha base. A irmã que Deus me deu, Júlia Anastácio, agradeço por ser lar sempre e por me ensinar tanto sobre o poder transformador do amor. Ao meu pai, Paulo, agradeço pelo apoio e, principalmente, por ter contribuído diretamente na minha escolha pelas Ciências Sociais. Aos meus avós, Wander e Eurídice (in memoriam), agradeço pelo amor e carinho, guardo no meu coração as melhores lembranças de vocês. Aos meus amigos, agradeço por estarem sempre ao meu lado, me oferecendo todo o suporte e amor, saibam que vocês são meu maior presente. Não poderia deixar de agradecer também ao meu amigo e orientador, Marcelo Oliveira, por ter me apresentado o universo da antropologia social de uma forma tão imersiva, que hoje, não me vejo atuando em outra área senão essa. Agradeço aos Mumbuqueiros, em especial, Renan, Alci Mara e Valdo, por contribuírem não só para o meu desenvolvimento acadêmico, mas também profissional e pessoal, vocês são parte fundamental da minha trajetória. E acima de tudo, agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui.

## EPÍGRAFE

*Aqui estou*

*Ainda*

*Estou aqui*

*(vivo)*

*Após mais de seis décadas*

*De permanência na terra*

*No Brasil*

*No Vale do Jequitinhonha*

*Na América Latina*

*Aqui estou*

*(vivo)*

*Bocejando*

*Peidando*

*Cagando*

*Andando*

*sob*

*o mesmo céu*

*Caminhando*

*Sobre*

*Duas pernas (...)*

*(Cláudio Bento)*

## RESUMO

O relatório em questão é produto de duas iniciações científicas realizadas na comunidade quilombola de Mumbuca, localizada na cidade de Jequitinhonha, Minas Gerais. O trabalho tem por objetivo colocar em evidência uma parte da extensa produção cultural da comunidade, além de tratar de aspectos como o sentimento de pertencimento com o território. A metodologia utilizada para esse empreendimento foi a qualitativa, aplicada em antropologia social para analisar contextos de representação cultural, com prioridade de abordagem etnográfica, com o método de observação participante, em que as conversas e abordagens foram estabelecidas a partir do foco temático da cultura afro brasileira e identidade, sempre pautados pelo roteiro aberto de entrevista e em seu registro audiovisual, quando autorizados. Buscamos, pela observação participante, a escuta de falas e narrativas que remetem à histórias biográficas e coletivas, na e da própria comunidade, a fim de produzir material audiovisual público para compor banco de dados em imagem e som que sirva de acervo histórico à disposição do quilombo e da secretaria municipal de cultura. Durante o período de dois anos foram produzidos, a partir dos dados levantados e registrados audiovisualmente, dois curtas metragens e apresentados à comunidade quilombola para apreciação e sugestões. O presente TCC resulta como produção audiovisual que sintetiza todo o material produzido, refletido, ponderado e editado a partir de *feedback* dos quilombolas. Tivemos como preocupação principal evidenciar o caráter simbólico e de memória social da comunidade.

**Palavras-chaves:** Patrimônio Cultural; Memória Social; Vale do Jequitinhonha; Comunidade Quilombola.

## SUMÁRIO

<b>1. MUMBUCA: HISTÓRIA E DESAFIOS .....</b>	<b>8</b>
<b>2. COMUNIDADE QUILOMBOLA ENQUANTO RESISTÊNCIA .....</b>	<b>12</b>
<b>3. O CAMPO .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 O método: a coleta e o “olhar” para os dados.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 O Recorte do Campo.....</b>	<b>15</b>
<b>3.3 O ser mumbuqueiro.....</b>	<b>15</b>
<b>4. IDENTIDADE MUMBUQUEIRA.....</b>	<b>16</b>
<b>4.1 Saber fazer tradicional.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2 Elaboração sobre o sagrado.....</b>	<b>16</b>
<b>4.3 Nossa Senhora do Rosário: uma beata branca que do céu apareceu.....</b>	<b>18</b>
<b>4.4 Batuque.....</b>	<b>19</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>22</b>



## 1. MUMBUCA: HISTÓRIA E DESAFIOS

No ano de 1862, José Cláudio, homem negro alforriado, chegou no entorno da antiga “Sétima Divisão Militar de São Miguel”, atual Jequitinhonha, a procura de um lugar para se estabelecer. A terra, outrora conhecida como Sítio Mumbuca, foi comprada por José Cláudio de Souza, então escravo liberto, com a devida escrituração, envolvendo 8,2 mil hectares.

“A área é localizada em uma região denominada Ilha do Pão e a terra é chamada Sítio Mumbuca, descrito como “lugar de criar e plantar”. O valor total da compra foi de duzentos e cinquenta mil réis. Como era comum na época, a escritura não cita a dimensão da terra negociada. Sobre as extremidades, diz apenas que “a fazenda do Sítio Mumbuca” extrema pela “parte de cima, com as terras do senhor José dos Santos e pela parte de baixo no tombo da Cachoeira chamada Tombo de um lado e outro águas vertentes.” (LIMA, 2007, p. 23)

A história sobre como José Cláudio chegou no território pode variar em alguns aspectos, mas a maioria compartilha da memória coletiva de que ele era um ex-escravo que veio fugido do sertão baiano, acompanhado da sua esposa, do seu amigo Ângelo e da imagem de Nossa Senhora do Rosário. Guiado pela santa, ele teria chegado na região do sítio Mumbuca e comprado a terra, assim como suas benfeitorias de uma viúva chamada Maria Saraiva.

“No dia 31 de dezembro do ano de 1874, o pároco Emerenciano Alves de Oliveira, da residência paroquial do distrito de São Miguel do Jequitinhonha, assinou documento atestando que a senhora Maria Saraiva era proprietária do sítio Mumbuca e que, em 1862, havia vendido parte dessa área para o senhor José Cláudio por 50 mil réis, mais 200 mil de meação” (LIMA, 2007)

A Lei de Terras, instituída no ano de 1850, “(...) é um marco histórico no processo de transição para o capitalismo no Brasil” (SMITH, 1990), pois de acordo com a lei, só poderia ter acesso à terra quem tivesse a titulação, numa tentativa de regular a situação fundiária no país. Contudo, essa lei também tinha um outro objetivo, que era dificultar o acesso de quilombolas à terra (AMORIM, 2019). Contudo, no caso de Mumbuca, é possível perceber que José Cláudio sabia sobre a necessidade de ter a documentação das terras, haja vista que uma das hipóteses levantadas é que, para conseguir os títulos, o mesmo procurou a justiça para regularizar a questão fundiária, o que para a época foi extraordinário (LIMA, 2007). Vale destacar que, a noção de que esse território é um quilombo, foi entendida pela grande maioria dos moradores apenas nos anos 2000, mobilizando-os assim, para a busca de reconhecimento

por parte do Estado. No ano de 2003, a comunidade teve sua Certidão de Autorreconhecimento conferida pela Fundação Palmares bem como seu direito a território delimitado pelo INCRA, em 2009. Apesar da referida delimitação, o Decreto 2.519 abriu precedentes para o estabelecimento da criação da Reserva Biológica (REBIO) da Mata Escura, localizada no Baixo Vale, sobrepondo em 74% o território da Comunidade. Tal feito gerou um conflito ambiental sobre o uso sustentável da reserva, envolvendo desapropriação e choque de gestão entre os interesses da comunidade em garantir e preservar seus direitos territoriais e a gestão pública do órgão ambiental.

Com 51 mil hectares, a Rebio incide em cerca de 6 mil hectares do território quilombola. É necessário que o território seja demarcado para proceder à exclusão do quilombo da reserva. Os problemas surgidos com a criação da Rebio poderão ser assim resolvidos, e até mesmo revertidos, se puderem contar com a participação dos gestores da reserva para a formulação de um plano de manejo sustentável para sua área. (LIMA, 2007, p. 05 )

Através de registros é possível perceber que, desde a primeira geração de herdeiros, a propriedade vem sendo desmembrada em posses de famílias sem a devida regulamentação imobiliária. A informalidade de seu sucessivo desmembramento ao longo de mais de um século possibilitou a venda também informal de parte do território para proprietários não pertencentes à linha de descendência e herança.

De donos das terras, muitos dos mumbuqueiros passaram à condição de agregados das fazendas que se instalaram em seu próprio território. Em vez de senhores, os negros da mumbuca, como também são conhecidos, foram empurrados para a condição subordinada que a sociedade fazendeira e escravocrata lhes reservou. (LIMA, 2015, p. 02)

A instalação de fazendas intensificou-se na década de 1940, período de forte pressão sobre as famílias, para que vendessem suas terras, ensejando principalmente o período de dificuldades de muitas delas como a necessidade de tratamentos de saúde, escassez de recursos materiais para sobrevivência, e em outros casos a venda espontânea pelo interesse em morar em regiões mais urbanizadas. Este período é concomitante ao processo de concentração de terras que ocorreu no Vale do Jequitinhonha, motivada nas décadas seguintes pelo Estatuto do Trabalhador Rural, incentivando algumas famílias a abandonarem sua roças em busca de trabalho assalariado, assim como o êxodo rural provocado pela industrialização e urbanização

intensificados. Foi nesse período também que outros quilombos no Vale também cederam a pressão de fazendeiros, vendendo suas terras de herança. (LIMA, *ibid.*, p. 11). Este processo que aqui destacamos como conflito histórico anterior, e que permanece com o que se delinea com a REBIO da Mata Escura, impactando ainda mais na busca histórica pela organização e reafirmação da identidade coletiva quilombola, de ascendência comum e de herança de terra comunal. Uma das primeiras iniciativas organizadas de defesa da terra e de seus direitos, frente ao conjunto de ameaças de perda de seu território, foi a criação da Terra Santa. Em 1980, em articulação com padres franciscanos, proprietários herdeiros transferiram a posse da terra para a Ordem de Nossa Senhora do Rosário, Santa também de devoção dos negros escravizados, e padroeira do município de Mumbuca. A Terra Santa envolve 230 hectares de terra de usufruto coletivo, e hoje sem risco de ser vendida em parcelas por seus herdeiros por ser vedada esta possibilidade.

Atualmente permanecem no território original 90 famílias distribuídas em 06 localidades, entre a condição de proprietários, posseiros e agregados, envolvendo em torno de 250 pessoas, incluindo a propriedade coletiva Terra Santa. A Associação Quilombola da Comunidade da Mumbuca, criada em 2007, representa a segunda iniciativa criada, de forma institucional, também legalmente formalizada, na defesa dos Direitos ao território quilombola, em defesa de seu patrimônio cultural material e imaterial. Segundo a entrevista com uma das lideranças da comunidade, Renan, e primeiro presidente da Associação,<sup>1</sup> Existem Direitos que precisam ser efetivamente consolidados em função da conjuntura da reforma agrária no país e do que é definido para a região. Afirma o mesmo:

[...] há o conflito. Mas o conflito não é entre eu e o proprietário. Não entre eu e o ICMBio [Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade]. É entre nós e a legislação! Porque a legislação que dá o documento pro fazendeiro, [de] que ele é dono legítimo, ela diz que eu sou quilombola, ela diz que é uma reserva biológica.

Existe um impasse criado pela própria legislação sobre a região, entre o que é reserva biológica, o que é território quilombola e o que é terra de proprietários de fazenda. Ocorre uma sobreposição de espaços geográficos entre o que é definido como direito à propriedade original e pela tradição, como legislação ambiental e na relação contratual tardia de compra sob pressão de fazendeiros.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida à acadêmica Izabella Alves em março de 2021.

Rodrigo Vilela realizou um estudo intitulado “Quilombos Contemporâneos e a Proteção da Biodiversidade: o caso da reserva biológica da mata escura e da comunidade Mumbuca” (Dissertação de mestrado defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNB), no qual postula sobre a relação entre tradição e território:

É no uso do território que se manifesta a presença de determinada comunidade no espaço geográfico. A caracterização de uma comunidade tradicional está diretamente ligada às formas singulares de ação e apropriação dos recursos territoriais. Como exemplo, temos a dependência da comunidade dos recursos naturais disponíveis no território, o que leva ao desenvolvimento de usos e manejos desses recursos com vistas a sua manutenção. A tradição oral na disseminação do modo como o território deve ser usado, mantém as práticas tradicionais entre as gerações e possibilita a concretização de um modo de vida tradicional. É no território que esse modo de vida se estabelece e, dele depende o principal fator de caracterização de uma comunidade como tradicional, a sua auto identificação. Só há a possibilidade de reconhecimento de determinadas práticas tradicionais se estas estão enraizadas na população e se manifestam concretamente no espaço geográfico. (VILELA, 2013, p. 09)

No caso específico da pesquisa, conforme já apresentamos, o poder público assume o erro na forma como a REBIO da Mata Escura foi criada e estabelece propostas para tentar contornar o conflito que foi estabelecido. Podemos acreditar que este seja um indício, mesmo que incipiente, de uma mudança de mentalidade na gestão das áreas protegidas no Brasil e que precisa ser amadurecido, reconhecendo a importância das comunidades tradicionais na proteção de nossos recursos naturais e, mais ainda, no seu direito de permanecer em seu território e de usufruir de seus recursos. Diante do exposto foi possível considerar que as comunidades tradicionais têm um papel importante na preservação da biodiversidade [...] Sendo assim, a consolidação do território do quilombo é fundamental para a continuidade dessa realidade. Entendemos que os diversos conflitos que se desenvolveram ao longo da história no Quilombo Mumbuca contribuíram para o desenvolvimento de situações de fragilidade social e ambiental. (VILELA, 2013, p. 132)

Outro aspecto convergente com a necessidade de se posicionar frente ao conflito territorial é a necessidade da comunidade desenvolver cada vez mais seu sentimento de pertencimento ao território como quilombola, levando em consideração que novas gerações precisam se apropriar dos bens da tradição que os legitimem frente às conquistas e lutas que hão de vir. Conforme Renan,

Tem uma questão da interferência da igreja católica, hoje. Existe uma interferência grande [...] Lá em Mumbuca é três bandeiras [de Nossa Senhora do Rosário], e tinha que ser uma [por exigência da igreja local] [...] Fizeram um estudo lá que tinha que tirar a Santa original e fizeram uma cópia [réplica] para colocar no lugar. Foram coisas que deu um rebuliço desgraçado, lá! [comunidade se manifestou contra] [...] Fizeram um estudo e descobriram que a Santa é barroca [com alto valor no mercado de artes raras] e poderia ser roubada. Deu o maior rebuliço, a maior briga. Por isso aí a gente percebe que tem uma valorização disso aqui [...] Uma das questões principais é a festa da Santa. Tem uns questionamentos que eram nove dias de festa e hoje não é mais. A questão do terço [da reza do terço em dias que antecedem a festa], que todo dia tinha um terço e hoje ele não existe mais todo dia, e tem isso todo dia, o ofício de Nossa Senhora. Eu tenho alguns projetos e algumas ideias de voltar isso [das festas de tradição]. Mas eu não tô lá. Eu não consigo tá na Mumbuca hoje pra fazer as coisas funcionarem. Eu e mais dois ou três não conseguimos. A gente tem que encontrar outros meios de colocar isso lá. Um dos meios é através da rádio comunitária. Através de gravar vídeos, de colocar ali na escola. De fazer documentos, fazer uma biblioteca e de algumas coisas que façam voltar. Então a gente tem umas ideias de rezar o terço todo dia. Ninguém reza o terço todo dia, lá, mais. Nem final do ano, no presépio, reza mais. Que era outro costume. {Existe} a Festa de Santo Antônio na [localidade da] Cachoeira [...] Da Cachoeira lá quem acompanha é o grupo de batuque da Cachoeira mesmo [...] É tipo uma paixão. Você tem que se apaixonar por aquilo que tem [...] Hoje o jovem que sai [da comunidade para estudar na cidade de Jequitinhonha] ele quase nem volta.

Como posto por Renan, existe uma demanda importante relacionada ao resgate e preservação do patrimônio cultural, simbólico, da comunidade que consolida ontologicamente os modos de ser e fazer de seus integrantes, que apresenta-se como desafio junto às novas gerações. Trata-se também de patrimônio cultural vinculado à tradição oral sobre outros conhecimentos na gestão do próprio território, cujo corolário vincula-se à tradição religiosa cristã e, supomos, afro-brasileira em seus aspectos sincréticos.

## **2. COMUNIDADE QUILOMBOLA ENQUANTO RESISTÊNCIA**

A população afrodescendente na região do Vale do Jequitinhonha compartilha sentimentos de segmento étnico, de grupo, fundados em valores que definem a convivência entre o “nós” e os “outros”, marcados por uma história de preconceito decorrente da hegemonia branca, mesmo sendo, os brancos, uma minoria numérica. Uma das maneiras de lidar com esta condição de subalternidade foi pautar sua organização em comunidades sob

influência de um imaginário religioso católico associado a manifestações rituais ligadas à tradição africana.<sup>2</sup> No caso, o pensamento religioso opera como sistema cultural e persiste como dado de linguagem, “materializado” na fala, a partir de teorizações que fornecem substância conceitual sobre a identidade étnica do grupo.<sup>3</sup> Os aspectos de mudança histórica, enquanto “tempo” e “evento”, tornam-se úteis quando abordados em seu teor simbólico,<sup>4</sup> sobre o encontro com o moderno como projeto de civilização e o lugar da tradição reinventada, compreendendo que a experiência derivada deste encontro é base para a formulação conceitual sobre o mundo e, no caso, a narrativa dos atores sociais torna-se objeto prioritário de pesquisa e análise.<sup>5</sup>

As histórias de vida dos mumbuqueiros, ligadas ao contexto histórico da região, perpassam narrativas sobre modos dramáticos de luta pela sobrevivência, de resistência ao preconceito racial e social, e de conquista de espaços de expressão de formas de conhecimento, seja na organização da vida familiar, no espaço público, no trabalho, no cultivo da terra, no lazer, nas relações políticas etc.

### **3. O CAMPO**

#### **3.1 O método: a coleta e o “olhar” para os dados**

O trabalho teve como base a metodologia qualitativa aplicada em Antropologia Social para interpretar contextos de representação cultural. A perspectiva foi de método qualitativo de observação e participação, nesse sentido, o empreendimento visou estabelecer relações, com o apoio das lideranças locais, com moradores afrodescendentes pertencentes a Comunidade Quilombola da Mumbuca, município de Jequitinhonha (MG) para coleta dos dados. A pesquisa foi dividida em etapas, resultando em três momentos, pesquisa bibliográfica, trabalho de campo e construção dos produtos finais. A observação e a participação em campo direto, para coleta e registro dos dados, somou 24 meses (o prazo de duas bolsas de pesquisa edital PIBIC 2021 e 2022), envolvendo campo presencial e a distância

---

<sup>2</sup> Kinn, 2006.

<sup>3</sup> Geertz, 1989.

<sup>4</sup> Sahlins, 1999.

<sup>5</sup> Bauman, 1992.

via google meet e whatsapp), de maneira intermitente, somados aos tempos de pesquisa bibliográfica, coleta de campo e registro audiovisual, análise de material audiovisual, participação em reuniões da associação e de instituições envolvidas com a questão quilombola. A escolha pelo audiovisual enquanto registro da pesquisa se deu por ser uma ferramenta que “flagra” um presente etnográfico em seu habitat, com as pessoas em seu cotidiano.<sup>6</sup> Durante o período de campo presencial, foi possível acompanhar o cotidiano da comunidade e a celebração de Nossa Senhora do Rosário como ponto alto da memória e patrimônio cultural local, que aconteceu em outubro de 2022 no quilombo.

Para a realização da pesquisa, foram selecionados, numa amostra intencional, moradores homens e mulheres que têm como prática o envolvimento com as manifestações tradicionais populares no campo da cultura e da religiosidade, levando em consideração a complexidade e qualidade das informações em seu sentido narrativo contextual, cujo registro escrito e audiovisual de bens culturais fossem levados em conta para compor acervo à disposição da comunidade. Por se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico, esse método permitiu o registro de contextos de cultura a partir de um ver organizado sobre a experiência social e possibilitou estabelecer relações entre percepções distintas: sobre a visão, o olhar, a memória, e o imaginário que imprime sentidos de mundo para os integrantes da comunidade quilombola de Mumbuca, bem como sobre as formas como estes sentidos se traduzem no campo da linguagem pelos que vivem a tradição.<sup>7</sup> Nesse sentido, o trabalho priorizou também dar voz às anciãs de Mumbuca, a fim de que esse registro fique para a posteridade.

Ressaltamos ainda, levando em conta nosso propósito do recurso metodológico audiovisual, que o filme etnográfico possui algumas especificidades, pontuadas por Rouch:

“Os métodos do cinema etnográfico são muito variados e associados a tradições teóricas diferenciadas como a meios e procedimentos utilizados. Assentam no entanto em alguns princípios fundamentais: uma longa inserção no terreno ou meio estudado frequentemente participante ou participada, uma atitude não directiva fundada na confiança recíproca valorizando as falas das pessoas envolvidas na pesquisa, uma preocupação descritiva baseada na observação e escuta aprofundadas independentemente da explicação das funções, estruturas, valores e significados do que descrevem, utilização privilegiada da música e sonoridades locais na composição da banda sonora.”

Assim, o ponto de partida foram as falas e seu contexto de enunciação, como discurso social cotidiano e modo de ação social que tanto preserva como atualizam práticas e

---

<sup>6</sup> Rouch, 1995.

<sup>7</sup> Becker, 1997; Laplantine, 1996.

interações sociais específicas, que operam como um corpo de conhecimento,<sup>8</sup> priorizando as referências significativas aos sujeitos no que se refere à importância da tradição.<sup>9</sup> Para este intento foi utilizado roteiros temáticos de entrevistas, diário de campo para registro dos dados oriundos da relação de observação participante, bem como gravador e filmadora para registro do que avaliamos serem bens culturais que compõem patrimônio imaterial. A utilização das tecnologias para registro dos dados ocorreu, respeitando a anuência dos entrevistados e os princípios éticos da pesquisa em Ciências Sociais.<sup>10</sup>

No que toca à construção do material audiovisual, o trabalho foi dividido em etapas. O primeiro foi criar pastas em uma nuvem online com todo o material produzido durante o campo, agrupando fotografias, áudios e vídeos por datas e por famílias. Após esse momento foi feita a decupagem do material coletado, selecionando as falas mais importantes e posteriormente foi criado o roteiro do trabalho e sua ficha técnica. No trabalho de pós-produção do primeiro curta metragem, contamos com o apoio voluntário de um produtor audiovisual para orientações e conclusão do trabalho.<sup>11</sup>

### **3.2 O Recorte do Campo**

A comunidade quilombola possui uma grande extensão territorial e por isso é dividida em pequenas comunidades, o que se dá pelo processo de chegada dos antigos moradores que se assentaram em diferentes localidades. Atualmente, a maioria dos moradores se concentra na comunidade de Laranjeiras, por isso, o trabalho foi centrado nessa parte do território, no que diz respeito a coleta de material e, de forma mais pontual, estendemos a outras localidades como Cachoeira, Aldeia e Mumbuca.

### **3.3 O ser mumbuqueiro**

As estruturas de significação histórica e de identidade que unem os moradores são as mesmas, o que definimos aqui de memória social, ainda que em algum ponto ou outro possam se diferenciar. É possível perceber que uma das características do quilombo está baseada na relação de parentesco, tendo em vista que a maioria dos moradores são primos, primas, tios,

---

<sup>8</sup> Berger & Luckmann, 2000.

<sup>9</sup> Briggs, 1999; Bauman, 1992.

<sup>10</sup> Termo de consentimento, apêndice A.

<sup>11</sup> Nossos agradecimentos pelo apoio profissional de Baltazar Sobierajski Oliveira.

tias, etc. A frase mais ouvida durante as entrevistas foi “eu sou daqui, nascido e criado/a”. Essa frase é dita por moradores mais antigos, mas também pelos mais novos e a forma como eles a dizem tem sentidos toponímicos e de afeto ao lugar que expressam pertencimento. Pode-se sentir certa gratidão cósmica pelo fato de ter nascido e criado no quilombo, por ser mumbuqueiro. Ainda que tenham passado por momentos difíceis, os moradores possuem uma relação de gratidão com a terra por tudo que lhe proporcionaram e proporcionam.

#### **4. IDENTIDADE MUMBUQUEIRA**

##### **4.1 Saber fazer tradicional**

A partir da observação participante, foi possível notar que existe um vasto patrimônio cultural imaterial, sendo eles, o fazer as peneiras de corante e arroz, produzidas por Pedro, morador antigo da comunidade que aprendeu esse ofício com seu pai. A produção artesanal de vassoura de cipó que demora cerca de 15 dias para ficar pronta, devido ao tempo que é gasto para ir até à mata buscar o cipó. A farinha de mandioca que representa, atualmente, a principal fonte de renda entre alguns moradores, além de ser um produto muito importante na alimentação. E mesmo a forma de trabalhar a terra de forma sustentável, com base na agricultura familiar. Durante o campo, pudemos acompanhar de perto dois moradores na produção da farinha. O processo de produção da farinha é de mais ou menos 8 horas e possui um caráter totalmente artesanal, sendo reconhecida em sua qualidade, principalmente, por todos que a compram no mercado municipal. Além da farinha, o beiju também é produzido na farinheira e assim como a farinha, é um aprendizado de geração em geração.

##### **4.2 Elaboração sobre o sagrado**

No que diz respeito a significação histórica, é possível perceber que José Cláudio, fundador da comunidade, deixou raízes profundas em todos os moradores, isso porque, a maioria sempre ressalta o desenvolvimento da comunidade e não apenas do indivíduo. Os mais velhos sempre trazem à tona bons momentos do passado, da união, seja no trabalho, na fé ou nas festas. A tradicional festa de Nossa Senhora do Rosário é exemplo dessa raiz, sendo um momento que une à fé, ancestralidade e gratidão, assim como também é um símbolo do

estabelecimento no território que atualmente abriga várias gerações do fundador. Há relatos de que José Cláudio foi guiado pela santa até o território que conhecemos como Mumbuca.

“Na época da escravidão, José Cláudio, ele que saiu fugido pra não ser morto, saiu com um feixinho de manaíba e Nossa Senhora do Rosário, ele saiu fugido. (...) ele foi para Laranjeira, achou um pau que tinha uma catana e colocou a santa debaixo pra não molhar, aí ele foi abrindo, foi abrindo.” (dona Santa)

Essa relação com o sagrado é de extrema importância para a comunidade pois se trata do mito de origem, destacando assim que a religião não é sempre uma relação de medo, mas também de força, alegria e ressignificação.<sup>12</sup> Essa relação, segundo os antigos moradores, era muito forte porque os pais, mesmo com a rotina desgastante no campo, faziam questão que todos frequentassem as missas e fizessem orações.

“Aqui o encontro era só domingo, que todo mundo ia rezar, no domingo o povo vinha pra rezar. aí rezava e todo mundo esparramava, cada um ia pra sua roça, mas no outro domingo todo mundo voltada pra rezar. Os pais panhava os filhos e levava tudo pra igreja, era desse jeito. (...) eu lembro menino que nós acendia um fogo no meio da casa pra quentar porque não tinha luz nesse tempo pra lumiá a casa, aí primeiro nós tinha que rezar, botava todo mundo pra rezar (...) colocava todo mundo na sua vez “ajoelha aí e vai rezar” , aí todo mundo rezava. Quando era de madrugada ele acordava nós tudo pra rezar o ofício. (...) todo dia assim sete horas da noite tinha que rezar o terço, não podia dormir sem rezar. Tinha uma doutrina que ensinava nós assim, antes de deitar que tinha que ajoelhar e rezar, rezar o pai nosso, o crê em Deus pai, um salve rainha, uma coisada, aí depois rezava o terço pra todo mundo poder ir deitar” (Dona Liô)

Durante esses dias, eram feitas alvoradas, novenas, leilões e festas. A igreja, para além do sagrado, era e é também um espaço de socialização. Com o passar dos anos, muitos moradores se mudaram do quilombo, seja por consequência do êxodo rural, questões de saúde ou melhores oportunidades de emprego. Essa situação fez com que as festas fossem diminuindo, a princípio a quantidade de pessoas e, conseqüentemente, de dias.

Atualmente, a festa de Nossa Senhora do Rosário é feita em um dia e alguns dos ritos se perderam com o tempo. Na tentativa de resgatar esse momento, principalmente após a pandemia de covid-19 que impossibilitou o encontro presencial nos anos de 2020 e 2021, os moradores se reuniram a fim de se organizarem para realizar a celebração no ano de 2022.

---

<sup>12</sup> Bastide, 1960.

### 4.3 Nossa Senhora do Rosário: uma beata branca que do céu apareceu

Nossa Senhora do Rosário, padroeira do quilombo de Mumbuca, faz parte também do mito de origem<sup>13</sup> desse lugar. Isso porque, a narrativa em torno da chegada de José Cláudio no território é marcada pela figura da santa, em que muitos acreditam que tenha sido ela, a guia de José Cláudio até o território. Essa relação fez com que muitos moradores se tornassem devotos da santa, passando essa crença de geração em geração. Segundo relatos, os pais eram rígidos ao cobrar a devoção dos filhos e os ensinava desde pequenos os dogmas da igreja católica. Para além da profissão de fé, os anciãos ensinam seus filhos sobre a importância da santa para o estabelecimento no território.

Desde então, são feitas celebrações em homenagem a santa todos os anos no mês de outubro. A festa da padroeira durava, em média, uma semana, e durante esse tempo eram feitas novenas, alvoradas, leilões, forrós e batuques. Dona Liô relatou com certa nostalgia como eram os encontros e como eles contribuíram para o fortalecimento das relações no quilombo. Com o passar dos anos, alguns fatores auxiliaram na redução de participantes do evento, seja em decorrência do êxodo rural ou pela mudança de religião. Muitos dos moradores que se converteram ao protestantismo encerraram suas participações na festa pelo entendimento de que é pecado compor esse espaço, assim como contribuir para a realização da mesma. Esses fatores contribuíram para que essa semana de comemoração fosse reduzida de sete para dois dias.

Após o hiato de dois anos sem a festa da padroeira, em decorrência da pandemia de covid-19, os moradores se organizaram para que ela fosse realizada no ano de 2022. Para isso, foram feitas reuniões mensais para preparar o evento. Através da observação participante, foi possível notar que poucas crianças fizeram parte das atividades direcionadas à comemoração de Nossa Senhora do Rosário, pois os pais não permitiram que seus filhos fossem ao evento. Essa situação gerou motivo de discussão inclusive, na construção do regimento interno da comunidade. Pontuado por Renan, uma das lideranças da comunidade: “Não é que é proibido ter outras religiões aqui, mas eles não podem ficar falando que é pecado, pois a santa tem uma relação direta com a história de Mumbuca. As pessoas precisam entender isso.” É importante ressaltar que, para a comunidade, esse momento de encontro é muito mais que um simples festejo religioso, pois a Santa é um marco, no que toca o estabelecimento no território.

---

<sup>13</sup> Lévi-Strauss.

#### **4.4 Batuque**

As rodas de Batuque, que integram as celebrações de Nossa Senhora do Rosário, também representam um importante patrimônio cultural imaterial, pois nesses encontros há um resgate direto com as origens do lugar. As cantigas entoadas a cada batucada são rimas feitas pelos próprios moradores, apresentando características deles mesmos, do território, dos moradores e da religião. A forma como o Batuque se dá, vai de encontro com o que Almeida (2022) diz no artigo “Tambores da afirmação: Negritude e resistência no batuque dos negros do Norte de Minas”: As mensagens que cada comunidade enuncia cantando e dançando propiciam compreender o batuque como uma forma de resistência cultural demarcadora da etnicidade quilombola (...)

No ano de 2022, foram feitas reuniões periódicas para ensaiar o batuque, a fim consolidar novamente essa tradição no festejo e também aumentar o engajamento dos moradores no que toca à participação. Isso foi fundamental para incluir os moradores mais jovens que até então só ouviam falar sobre o batuque, além de trazer uma nostalgia aos anciãos da época em que, para além de um ritual, significava também um encontro entre amigos e familiares. Durante o primeiro ensaio oficial, uma das anciãs presentes relatou ter lembrado da adolescência, em que ela e suas amigas dançavam e entoavam cantos, enquanto os homens tocavam os instrumentos de percussão. No que toca a ancestralidade, um morador relatou ter uma experiência de conexão com seus antepassados ao participar do batuque.

#### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que diz respeito ao processo de pesquisa é possível fazer os seguintes apontamentos: em um primeiro momento, foi realizada uma busca por produções acadêmicas relacionadas à Mumbuca. Durante esse processo, notou-se que existem poucos trabalhos sobre esse lugar e os que existem foram feitos há muito tempo, por isso, foi necessário procurar outras fontes que pudessem oferecer mais informações sobre esse lugar.

No que toca ao aspecto territorial, Quintino, servidor do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), contribuiu mostrando mapas e textos que elucidaram sobre a problemática que envolve a dupla sobreposição territorial e o conflito entre o órgão e a comunidade. Ele também disponibilizou para leitura, o relatório antropológico

feito pela UFMG a pedido do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no ano de 2007. O segundo encontro foi com uma das lideranças da comunidade quilombola, Renan Fernandes. Esse encontro serviu para elucidar algumas questões como o processo de criação da associação, a questão do conflito pela ótica do morador do quilombo e também demandas da comunidade, no que toca as produções acadêmicas.

A partir dessa coleta, o primeiro projeto foi construído. Depois de submeter ao edital PIBIC SICOOB UFVCredi (2021-2022) e ele ser aprovado, o primeiro diálogo com os moradores aconteceu no próprio quilombo em formato de roda de conversa. Nesse momento foi apresentado o projeto aos moradores, elencando seus objetivos. Inicialmente, os moradores se mostraram um pouco fechados para o trabalho, argumentando que outras pessoas já haviam ido até o quilombo realizar pesquisas mas que não apresentavam o produto final. Esse foi o primeiro impasse no campo, porém, depois de algumas pontuações relacionadas a intenção de apresentar a devolutiva a eles, essa questão foi sanada.

Durante os meses de pesquisa os moradores contribuíram diretamente para a construção do mesmo. Esse aspecto foi fundamental para a coleta de dados e fluidez do trabalho. No mês de outubro, na festa da padroeira de Mumbuca, foi apresentado em primeira mão o curta metragem “Mumbuca”, cujo objetivo foi evidenciar a relação dos moradores com o território e elementos relacionados à memória social. Foi apenas depois do aval dos moradores que ele foi disponibilizado nas plataformas digitais. Dada a inserção positiva no campo e o surgimento de novas demandas da comunidade, foi submetido outro projeto, dessa vez ao edital do CNPq (2022-2023) e após sua aprovação foram elencados novos elementos, como o ritual do festejo de Nossa Senhora do Rosário.

Ainda que os objetivos das pesquisas acima estivessem alinhados, o campo se movimenta e a forma como você se articula com ele faz com que surjam novos desdobramentos, um deles foi a relação entre a pesquisadora e o mumbuqueiro. Após alguns meses de trabalho de campo, as relações foram estreitadas e, a partir disso, houve também uma maior confiança por parte dos moradores no trabalho que estava sendo realizado. É importante pontuar também a contribuição que o presente projeto trouxe no que toca a discussão sobre o território enquanto lugar de pertencimento. Através dessa produção, foi possível contribuir também com a pauta de políticas públicas com relação a inclusão de povos afrodescendentes, visto que o material foi utilizado em algumas cidades da escola para elucidar sobre a questão quilombola e desmistificar alguns preconceitos sobre esse lugar. A

relação etnográfica no campo permitiu traduzir no audiovisual o olhar do morador para o seu lugar de origem, de forma que quem não conhece Mumbuca consegue sentir o lugar.

Por fim, a reflexão final enquanto pesquisadora é que a subjetividade do campo contribuiu para observar melhor as diversas camadas que envolvem a comunidade, como a importância de tomar um café em todas as casas que fui convidada, visitar as hortas, experimentar um fruto. É sentar na porta das casa para conversar e ter trocas tão genuínas. É sentir a dor do luto ainda que não seja um parente. É ser convidada para participar de momentos íntimos das famílias, como um almoço de domingo ou café da tarde. O trabalho de campo permite os mais diversos atravessamentos e enquanto jequitinhohense essa experiência, para além das contribuições acadêmicas, foi um presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Liliâne Pereira de; TÁRREGA, Maria Cristina Vidotte Blanco. **O acesso à terra: a Lei de Terras “1850” como obstáculo ao direito territorial quilombola.** *Emblemas (Catalão)*, v. 16, n. 1, 10-23, jan./jun. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 200; STRAUSS, A. *Pesquisa Qualitativa.* Porto Alegre: Artmed, 2007.
- BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BOURDIEU, P. *O Poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand, 2004 [1989].
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.* Brasília, DF: Presidente da República, [2016].
- CATENACCI, V. *Cultura Popular: entre a tradição e a transformação.* **Revista São Paulo em Perspectiva** 15(2) 2001.
- DAMATTA, R. **A casa e a Rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Global, 2007.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989 [1978].
- GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.
- KINN, M. G. **Negros Congadeiros e a Cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia – MG.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.
- LAPLANTINE, François. **La Description Ethnographique.** Paris: Éditions Nathan, 1996.
- LIMA, Deborah. **Quilombo Mumbuca.** (Coleção Terras de Quilombos). Belo Horizonte: FAFICH, 2015.
- LIMA, Deborah (et. al.). **Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sociocultural.** O quilombo de Mumbuca, Baixo Jequitinhonha, Minas Gerais. Núcleo de estudos de comunidades quilombolas e tradicionais – NUQ/UFMG. Belo Horizonte, 2007.

RIBEIRO, D. **O processo Civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SCHWARCZ, L. M. e QUEIROZ, R. da S. (orgs.). **Raça e Diversidade**. EDUSP/Estação Ciência. São Paulo, 1996.

VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, O. (org.). **O Fenômeno Urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VILELA, Rodrigo de Oliveira. **Quilombos Contemporâneos e a proteção da Biodiversidade: O caso da Reserva biológica da Mata Escura e da Comunidade Mumbuca**. Vale do Jequitinhonha/MG. UnB-PÓS/GEA 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E.. **O nativo relativo**. Mana, v. 8, n. 1, p. 113–148, abr. 2002.

RIBEIRO, José da Silva. Jean Rouch - **filme etnográfico e antropologia visual**. Doc On-line, n. 03, p. 6-54, dez. 2007